Capítulo 78

Imperialismo: a supremacia inglesa na Era Vitoriana

A indiscutível supremacia da Inglaterra na Europa do século XIX atingiu seu apogeu entre 1850 e 1875. O país, que havia iniciado sua Revolução Industrial mais de cem anos antes, colocou-se quase um século na frente dos demais Estados europeus. Somente na segunda metade do século XIX foi que França, Itália e Alemanha começaram a avançar, mas não o suficiente para abalar a hegemonia inglesa.

A Inglaterra enviava homens, capitais, carvão, tecidos e máquinas para o mundo inteiro. A supremacia naval completava a supremacia econômica. As camadas médias prosperavam, e seu papel político ganhava importância. Londres era a maior cidade do mundo, e o Parlamentarismo, um regime político estável, maleável para que as reformas se antecipassem às necessidades sociais. Assim, a Inglaterra evitou as agitações que assolaram a Europa dos fins do século XVIII ao século XIX.

A união de desenvolvimento econômico com progresso social e estabilidade política criou condições para a formação de um vasto império colonial na América, África e Ásia.

A dinastia Hannover, surgida no início do século XVIII, teve na rainha Vitória (1837-1901) o grande símbolo da virtude e da perseverança inglesas. Ela governou o país durante o período de supremacia britânica, por isso mesmo chamado de *Era Vitoriana*.

1. A evolução econômica

Depois de 1815, quando terminaram as guerras com a França, a agricultura inglesa entrou em crise. A paz trouxe a queda de preços dos cereais; os pequenos proprietários tiveram de vender suas terras. A concentração de propriedades deu origem a uma agricultura intensiva, dotada de moderna tecnologia. Os grandes proprietários, controlando o poder político, fizeram aprovar leis para impedir a importação e manter altos os preços no país: as *Leis dos Cereais (Corn Laws)*.

O crescimento da indústria e da importância dos industriais mudou tal situação. Com cereais caros, eles tinham de pagar salários mais altos, o que diminuía seus lucros. Portanto, defendiam a livre importação de cereais. A campanha pela extinção das *Corn Laws* começou por iniciativa de Cobden, industrial que pregava o livre-cambismo, ou liberdade de troca, como forma de baratear os alimentos e matérias-primas industriais, bem como de abrir mercados para os produtos industrializados ingleses. Entre 1848 e 1852, todas as leis restritivas foram abolidas, inclusive os *Atos de Navegação*, baixados no século XVII.

A Inglaterra consolidou então sua hegemonia comercial em todo o mundo. Controlava 80% da construção de navios de ferro. Sua frota mercante representava 60% da tonelagem mundial. Somados, o comércio francês e o alemão representavam menos de 80% do comércio inglês, em 1870. A Inglaterra comprava alimentos e matérias-primas e exportava para todos os continentes produtos industrializados e capitais.

A concentração industrial do norte e oeste, perto das bacias carboníferas e dos grandes portos, fez nascer a *Inglaterra Negra* — em oposição à *Inglaterra Verde* do sul e sudoeste, dominada pela agropecuária. Em 1870, o país produzia dois terços do carvão mundial. A indústria metalúrgica concentrava-se em Birmingham e Sheffield. A expansão estava ligada ao desenvolvimento da indústria ferroviária e a novos métodos de obtenção de aço.

A partir de 1890, começaram a surgir grandes concentrações industriais, como forma de conter a concorrência: reuniam siderúrgicas, empresas de mineração e de construção naval. Londres era o primeiro mercado mundial de lã; Leeds e Bradford processavam a matéria-prima importada. Cresceu a indústria têxtil do algodão. Seu centro era Manchester, que recebia fibra da América e exportava tecido, sobretudo para o Extremo Oriente. Em 1850, essa exportação representava metade da exportação inglesa global.

A abundância de carvão impediu o desenvolvimento hidrelétrico. A química também estava em atraso, porque a Inglaterra recebia da Alemanha quase todo o corante de que precisava.

2. Problemas sociais

Um traço marcante foi o acelerado crescimento demográfico. Havia 11 milhões de ingleses no início do século XIX; em 1870, eles eram 26 milhões, graças à queda da mortalidade, conseqüência do progresso da medicina e da melhoria de condições de higiene, junto com o aumento da natalidade. O êxodo rural superlotou as cidades, que em 1870 concentravam 70% da população. Londres tinha mais de 3 milhões de habitantes.

Surgiram problemas. O excesso de mão-de-obra comprimiu os salários. Os trabalhadores viviam em subúrbios miseráveis. Cresceu a tensão social, e as leis se tornaram mais severas. A classe trabalhadora reagiu de diferentes formas. Primeiro, houve tentativas de greves gerais, que falharam porque os operários não tinham condições de sustentar-se durante as paralisações. Os *sindicatos* trataram de constituir-se como organizações defensoras dos interesses de classe.

Entre 1870 e 1880, os sindicatos conseguiram para os operários igualdade perante a lei, direito de greve, regulamentação do horário de trabalho e a responsabilidade patronal em caso de acidente de trabalho. Outra solução para a questão social foi a *emigração*. A Inglaterra tornou-se o grande celeiro de emigrantes do século XIX.

No topo da sociedade, continuava a dominar a aristocracia fundiária, uma classe fechada mas receptiva à chegada dos ricos burgueses, industriais ou comerciais. Desta fusão, resultava uma elite poderosa, diferenciada do ponto de vista econômico, não do nascimento.

3. A trajetória política

A partir de 1850, conservadores e liberais se alternaram no poder. Depois do governo do liberal Palmerston, preocupado com questões externas, os dois grandes líderes políticos foram: Gladstone, liberal, pacifista, religioso, e Disraeli, conservador, defensor da monarquia democrática e da expansão do império.

Em 1867, Disraeli adotou uma lei eleitoral que beneficiou a Inglaterra industrial, ou seja, os setores novos da sociedade.

A questão da Irlanda

Dominada pela Inglaterra fazia séculos, a Irlanda jamais se havia deixado subjugar completamente. De língua céltica e religião católica (exceto no Ulster, ao nordeste), opunha-se aos ingleses que exploravam seus pequenos proprietários e lhes tomavam as terras, em caso de atraso no pagamento de tributos. A situação se agravou na Grande Fome (1846-47), quando a Irlanda perdeu 3 milhões de habitantes, mortos ou emigrados. Um grupo de tendências radicais dominou então o país.

Pela *Associação Católica*, O'Connel foi eleito em 1829 para o Parlamento, como representante da Irlanda. Com apoio de Gladstone, ele defendeu um governo autônomo para a Irlanda, sem resultado. Sobrevieram atentados, que o governo britânico reprimiu duramente. A sociedade secreta dos *Fenianos*, com apoio de emigrados nos Estados Unidos, tentou sublevar o país em 1867. A questão continuaria pelo século XX afora, mesmo depois que a Irlanda conseguiu independência parcial.

4. O Império Britânico

Os ingleses se expandiram por meios pacíficos ou belicosos. No início do século XX, o Império Britânico tinha 400 milhões de habitantes, em 35 milhões de km^2 de terras na América, Ásia, Oceania e África.

Tornou-se importante controlar os mares. Superior a qualquer outra marinha européia, a inglesa dominava posições estratégicas no Mediterrâneo, Atlântico, Índico, no sul da África e nas rotas Índia-China e Mediterrâneo-Índia.

Depois de 1815, os ingleses se haviam apossado da Índia, Egito, Sudão, Nigéria, quase todo o sul africano; conquistaram e colonizaram a Austrália e a Nova Zelândia; impuseram sua tutela à Birmânia, Beluchistão, Mesopotâmia e Palestina.

Os domínios

As formas de ocupação variavam, mas havia essencialmente dois tipos de colônia: as de *comércio*, nos trópicos; e as de *povoamento*, nas regiões temperadas. Os traços mais gerais do colonialismo inglês foram:

- *liberalismo econômico*, em substituição ao monopólio;
- a *abolição do tráfico* de escravos, em 1807;
- a *abolição da escravidão*, em 1833;

- a *autonomia* considerável nas colônias em que predominava a população branca, como no Canadá.

As unidades autônomas eram chamadas *domínios*. Entre eles e a metrópole as relações acabaram sendo de igual para igual, pois, com o tempo, o Império se transformaria em federação de Estados livres, ligados apenas por interesses econômicos: a *Commonwealth*, ou Comunidade das Nações.

Nas colônias de exploração comercial, o regime variava. Algumas eram administradas diretamente pelo Estado inglês e outras, confiadas a companhias que detinham algum monopólio.

A *Índia* é um exemplo característico da colonização britânica. A conquista deu-se entre 1798 e 1849. Os ingleses respeitaram os costumes locais e construíram ferrovias. Em 1857, com a revolta dos cipaios, os soldados indígenas, seguiram-se dezoito meses de combates e represálias sangrentos. Para evitar novos problemas, a Inglaterra reorganizou o país. A Companhia das Índias perdeu seus privilégios. E funcionários designados pelo governo britânico passaram a administrar a Índia.

Questões propostas

1. Por que o apogeu da supremacia inglesa do século XIX ficou conhecido como Era Vitoriana? Resuma o que foi o período.

2. O que marcou o fim da supremacia dos grandes proprietários rurais ingleses?

3. Resuma em números o poderio econômico inglês resultante do fim das leis protecionistas dos cereais, quanto a: frota mercante; produção de carvão; indústria têxtil.

4. Resuma os problemas sociais que a intensa industrialização provocou na Inglaterra do século XIX.

5. Defina o papel dos sindicatos: o que eles conseguiram?

6. Resuma a questão da Irlanda.

7. A Inglaterra usou meios pacíficos para conquistar seu império? Que tamanho tinha ele no início do século XX? Como se manifestava seu poderio nos mares do mundo?

8. Quais eram os dois tipos básicos de colônias inglesas? Quais as características gerais do tratamento político e econômico que os ingleses lhes dispensavam?

A rainha Vitória em família.